



ISSN - 2175-6600

Vol.17 | Número 39 | 2025

Submetido em: 18/12/2024

Aceito em:08/04/2025

Publicado em: 10/06/2025

Aprendizagem profissional da docência em narrativas reflexivas de *pesquisaformação*¹

Narrative learning based on investigative training with beginning teachers

**Aprendizaje narrativo a partir de la formación en investigación con profesores
principiantes**

Joelson de Sousa Morais²
Inês Ferreira de Souza Bragança³



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe18840>

Resumo: O texto é oriundo de uma pesquisa de doutorado em educação realizada entre 2019 a 2022 (Morais, 2022). O objetivo é: compreender os processos de construção de conhecimentos nas aprendizagens narrativas de *pesquisaformação* tecida por professores(as) iniciantes. Os participantes da pesquisa foram quatro professores(as) iniciantes de duas escolas públicas municipais de Caxias-MA. Contou com os dispositivos metodológicos: imersão no cotidiano escolar; diário de pesquisa; escrita narrativa e conversas. No processo de compreensão com as fontes narrativas trabalhamos com a hermenêutica da narratividade e temporalidade em Ricoeur, a filosofia da linguagem de Bakhtin e os conceitos de experiência e narração em Benjamin. Compreendemos que as aprendizagens narrativas no processo de *pesquisaformação*, se deram tanto com as professoras iniciantes quanto conosco pesquisadores(as), pois, aprendemos outros modos de pesquisar, ensinar e formar com diferentes intensidades, metodologias, didáticas e conhecimentos.

Palavras-chaves: Aprendizagem narrativa. *Pesquisaformação*. Professores(as) iniciantes.

¹ Este artigo se baseia na tese de Doutorado em Educação desenvolvida pelo primeiro autor desse texto, sob a orientação da segunda autora, cursada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que tem como título: *Fios e tramas em contextos de pesquisaformação e suas implicações na tessitura narrativa de professores/as iniciantes* (Morais, 2022). Vale ressaltar que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, sob registro de nº CAAEE: 35270620.4.0000.8142.

² Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/Campus Codó. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9184354605461860> . Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1893-1316>. Contato: joelson.morais@ufma.br

³ Doutorado em Educação (Universidade de Évora/Portugal). Professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3676732863480672> . Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4782-1167>. Contato: inesfsb@unicamp.br



Abstract: The text comes from a doctoral research in education carried out between 2019 and 2022. The objective is: to understand the processes of knowledge construction in the narrative learning of research-training woven by beginning teachers. The research participants were four beginning teachers from two municipal public schools in Caxias-MA. It relied on the methodological devices: immersion in the school routine; research diary; narrative writing and conversations. In the process of interpreting the narrative sources we used Ricoeur's hermeneutics of narrativity and temporality, intertwining with Bakhtin's philosophy of language and Benjamin's experience and narration. We understand that narrative learning in the research-training process occurred both with beginning teachers and with us researchers, as we learned other ways of researching, learning, teaching and training with different intensities, methodologies, didactics and knowledge.

Keywords: Narrative learning. Researchtraining. Beginner teachers.

Resumen: El texto proviene de una investigación doctoral en educación realizada entre 2019 y 2022. El objetivo es: comprender los procesos de construcción del conocimiento en los aprendizajes narrativos de la investigación-formación tejida por docentes principiantes. Los participantes de la investigación fueron cuatro profesores principiantes de dos escuelas públicas municipales de Caxias-MA. Se apoyó en los dispositivos metodológicos: inmersión en la rutina escolar; diario de investigación; escritura narrativa y conversaciones. En el proceso de interpretación de las fuentes narrativas utilizamos la hermenéutica de la narratividad y la temporalidad de Ricoeur, entrelazada con la filosofía del lenguaje de Bajtín y la experiencia y narración de Benjamin. Entendemos que el aprendizaje narrativo en el proceso de formación-investigación se dio tanto con los docentes principiantes como con nosotros los investigadores, pues aprendimos otras formas de investigar, aprender, enseñar y formar con distintas intensidades, métodos, didácticas y saberes.

Palabras-clave: aprendizaje narrativo; formación en investigación; profesores principiantes.

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

[...] Embora estejamos malfeitos, ainda não estamos terminados; e é a aventura de mudar e de mudarmos que faz com que valha a pena esta piscadela que somos na história do universo, este fugaz calorzinho entre dois gelos (Eduardo Galeano, 2018, p.336-337).

De um pesquisar e formar junto e em partilha à tessitura da própria vida entrelaçada com aprendizagens, conhecimentos e formação: assim se compôs a proposta dessa *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica em educação.

É válido ressaltar, inicialmente, que o uso do termo *pesquisaformação*⁴ na abordagem narrativa (auto)biográfica é tributário de três correntes de pesquisa: uma fundamentada em Josso (2010), a outra pautada pelos estudos nos/dos/com os cotidianos tendo como referência Nilda Alves (2003) e a terceira fruto de um modo peculiar de escrita

⁴ Com diferentes perspectivas salientamos que o termo usado por Josso (2010) é pesquisa-formação separado por hífen. Enquanto que a junção de duas ou mais palavras, é oriundo do modo de escrita lançado por Nilda Alves na década de 1980, pelos estudos nos/dos/com os cotidianos fundamentados pelos estudos de Michel de Certeau (2012) e que tal uso tem a intenção de produzir outros modos de expressão do conhecimento para além de uma forma clássica de escrita que ultrapasse o modelo newntoniano-cartesiano. E com Inês Bragança (2018) em uma publicação realizada em um dos livros do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA) temos um primeiro movimento de usar esse termo junto e em itálico, dando outras significações e expressões do vivido na abordagem de pesquisa (auto)biográfica que vem se proliferando e sendo produzido no Brasil e na América Latina na última década, fruto de produções que vem ganhando curso no grupo de pesquisa do qual autora coordena.



que temos produzido no *Grupo Interinstitucional de Pesquisaformação Polifonia*, (<https://grupopolifonia.wordpress.com/>) que faz parte do *Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada* (GEPEC)/UNICAMP e do *Grupo de Pesquisa Vozes da Educação* (UERJ), do qual fazemos parte e fundamentada em Bragança (2018).

Como nos provoca a pensar a citação acima de Eduardo Galeano (2018), no livro *De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso*, refletimos que jamais estamos formados(as) e completos(as) por inteiro(a), e sim, vamos nos constituindo e sendo transformados(as) pela mediação das experiências, pessoas, acontecimentos, enfim, lançando-nos ao mundo para dele extrairmos algo a mais do que outrora não sabíamos e assim, aprendemos e nos transformamos cada vez mais nesse movimento.

É desse modo que nos situamos: como professores(as) pesquisadores(as) narradores(as) e aprendizes constantes dos modos de pesquisar e formar em partilha, aprender e ensinar em coletivo, enfim, tecer outros tantos de nós com o(a) outro(a) nos transformando e agregando valor e pertinência a nossa existência, em um constante movimento que não cessa.

O presente texto é oriundo de uma pesquisa de Doutorado em Educação realizada entre os anos de 2019 a 2022 na Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) desenvolvida por Joelson Morais (Morais, 2022) e orientada por Inês Bragança.

O objetivo desse estudo é compreender os processos de construção de conhecimentos nas aprendizagens narrativas de *pesquisaformação* tecidas por professores(as) iniciantes. Por isso, primamos pelo seguinte questionamento: como se reflete e se constitui as aprendizagens narrativas no desenvolvimento profissional de docentes iniciantes em diálogos com os(as) pesquisadores(as) na abordagem de *pesquisaformação* (auto)biográfica?

O conceito de aprendizagem narrativa é fundamental nesse texto e está pautado pelas contribuições de Ivor Goodson (2019). Desse modo, o conceito de aprendizagem narrativa apresenta um viés *epistemopolítico* de caráter transformador aludindo à subjetividade em que os(as) pesquisadores(as) acabam mergulhando no cotidiano, juntamente com os sujeitos participantes da pesquisa, produzindo uma reflexividade autobiográfica com narrativas e histórias de vida, no meio cultural e em contextos e experiências das quais constituem-se numa singularidade partilhada coletivamente, propiciando tomadas de consciência de si pelo vivido tecido na linguagem.

A pesquisa foi produzida narrativamente como teoria, metodologia e empiria, privilegiando as fontes narrativas na construção de conhecimentos e aprendizagens



durante todo o estudo, fruto do diálogo permanente estabelecido entre pesquisadores(as) e professores(as) iniciantes participantes da pesquisa.

É válido ressaltar que a perspectiva teórica e epistemológica desse estudo se pauta pelos princípios da pesquisa narrativa (auto)biográfica com os contributos de: Marie-Chistine Josso, Ivor Goodson, Paul Ricoeur, António Bolívar, Antonio Nóvoa, Walter Benjamin, entre outros.

A pesquisa foi produzida, inicialmente de forma presencial antes da Pandemia de Covid-19 e depois deu continuidade no período pandêmico utilizando-se de dispositivos metodológicos virtuais como a rede social do *WhatsApp* e a plataforma digital do *Google Meet*, em função das mudanças geradas nesse contexto, para a produção do conhecimento e a continuidade do desenvolvimento do estudo, permitindo a realização dos encontros e conversas estabelecidas entre pesquisadores(as) e sujeitos da pesquisa.

O texto está organizado em quatro partes, dentre as quais este primeiro são reflexões introdutórias sobre o estudo; no segundo trazemos os processos pelos quais foram se constituindo a *pesquisa formação* numa perspectiva metodológica; no terceiro são apresentadas as narrativas dos caminhos da pesquisa e os registros do diário de pesquisa nesse entrelaçamento entre formar e pesquisar; e na quarta e última parte trazemos algumas reflexões que ficam como lições em possíveis considerações finais em aberto.

2 SOBRE O CAMINHAR DA PESQUISA FORMAÇÃO: REFLEXÕES EPISTEMOPOLÍTICAS E METODOLÓGICAS

Os princípios postulados pela *pesquisa formação* são tributárias das discussões que iniciaram seus estudos na década de 1980 no âmbito da corrente de *Histórias de vida em formação*, que privilegiam o trabalho metodológico com as histórias de vida e narrativas (auto)biográficas com adultos e em processos de alfabetização, tendo como representantes desse movimento Marie-Christine Josso, Pierre Dominicé, Matthias Finger e Gaston Pineau (Josso, 2010).

A *pesquisa formação* consiste em um processo de desenvolver pesquisa em que ao pesquisar os sujeitos também se formam nesse movimento junto com os sujeitos participantes da pesquisa, aliando aprendizagem, construção de conhecimentos e processos formativos no decurso das caminhadas trilhadas na pesquisa.

Um conceito particularmente relevante sobre a *pesquisa formação* narrativa (auto)biográfica, pode ser encontrado em Morais e Bragança (2021) que vem refletindo de forma significativa com produções no Brasil e na América Latina acerca dos percursos de



se pesquisar e se formar simultaneamente fruto do diálogo estabelecido com professores(as) no cotidiano escolar. Segundo apontam os(as) autores(as):

A potencialidade da *pesquisa formação* reflete-se na capacidade potencializadora de reflexão e (auto)formação que são suscitadas entre os processos de narrar a si e a realidade em que estão imersos os/as professores/as no cotidiano escolar, juntamente com os/as pesquisadores/as. De forma articulada em partilha, os percursos vão se descortinando em horizontes de outras possibilidades de aprendizagem, formação e transformação, encadeadas pela tomada de consciência com que cada um/a constrói tanto de si próprio, quanto da relação estabelecida entre ambos e a significativa produção de conhecimentos e reflexividade neste processo entre o pesquisar e formar-se, entrelaçados (Morais; Bragança, 2021, p. 191-192)

A pesquisa começou a ser desenvolvida no ano de 2019 ainda em momentos de encontros presenciais, e deu um maior mergulho no cotidiano escolar no início de 2020 junto com os sujeitos participantes da pesquisa, passando a sofrer alterações significativas quanto ao caminhar da pesquisa assim que chegou a pandemia de Covid-19.

Assim, os(as) participantes da pesquisa foram quatro professores(as) iniciantes com formação em Pedagogia: sendo três docentes atuantes em duas escolas da rede pública municipal da cidade de Caxias-MA, e o pesquisador foi sujeito também participante do estudo, trazendo as narrativas de ambos nas discussões, interpretações e produção das fontes narrativas da pesquisa.

Sobre as três professoras⁵ iniciantes participantes da pesquisa que trabalham nas duas escolas, estavam atuando no 5º ano do Ensino Fundamental, e durante a pesquisa se encontravam no exercício do magistério há dois anos como docentes, em uma mesma escola, desde quando iniciaram na profissão docente.

Quando a pesquisa aconteceu no momento presencial, os dispositivos metodológicos utilizados foram: imersão no cotidiano escolar; diário de pesquisa; escrita narrativa e conversas. Com a pandemia, trabalhamos com os mesmos movimentos metodológicos, com exceção da imersão do cotidiano escolar, somando-se a outros dispositivos tecnológicos-virtuais como: o uso do *WhatsApp* e da plataforma digital do *Google Meet*, em função do isolamento social e como preservação das vidas nesse contexto pandêmico.

Diante desse contexto da pesquisa, que foi iniciado em um tempo e gerado deslocamentos pelo acontecimento da pandemia, esse movimento trouxe impactos

⁵ Algumas vezes utilizaremos o termo professoras no feminino quando estivermos nos referindo às participantes da pesquisa e o termo professores(as) sinalizando a participação de docentes homens e mulheres, e com os quais nos inserimos nesses usos da escrita nesse texto.



formativos, na reorganização dos dispositivos metodológicos do estudo, bem como emocionais, até percebemos como poderia ser ressignificada e realizada durante o caminhar desse processo de realizar pesquisa, agora em outros moldes.

Dessa forma, o *WhatsApp* passou a ser uma ferramenta pedagógica de produção de conhecimentos, aprendizagem e dispositivo metodológico de pesquisa, uma vez que foi tomado para registro de conversas em que emergiram as narrativas dos sujeitos da pesquisa, tanto de forma escrita, quanto em áudio que passaram a ser transcritas para o computador e utilizados como fontes para o estudo.

Cabe salientar a riqueza e potência da materialização dos registros em uma pesquisa narrativa que fazem toda a diferença na produção do conhecimento científico, além de se configurar como um dispositivo em que produzem afetos, sensibilidades e emoção durante o processo envolvendo participantes da pesquisa e pesquisadores(as), conforme revela estudo desenvolvido por Morais (2023).

Para o processo de interpretação e compreensão das fontes narrativas de *pesquisa formação* do estudo, foi priorizada a hermenêutica da reflexividade, narratividade e temporalidade em Paul Ricoeur, entrelaçando-se com a filosofia da linguagem de Bakhtin e a perspectiva da memória, experiência e narração em Walter Benjamin.

Sobre a interpretação hermenêutica é válido ressaltar que faz sentido, portanto, situar a ideia da alteridade que vem nos tecendo em trocas coletivas de saberes e conhecimentos com quem pesquisamos, o que remete à *identidade narrativa* à luz de Ricoeur (2014), ou melhor, em uma *teoria da reflexividade* tramada na enunciação pela linguagem ao escrever as narrativas no contexto da *pesquisa formação*, dando sentido ao que pensamos, fazemos e compartilhamos com o(a) outro(a) e do(a) outro(a) para nós em conversas, nos transformando nesse processo.

3 QUANDO A NARRATIVA PROTAGONIZA O(A) PROFESSOR(A) NA APRENDIZAGEM DA PROFISSÃO

Aprender pelas narrativas de experiência e formação no contexto da educação e mais precisamente no desenvolvimento profissional docente, é, pois, uma das práticas que vem sendo esquecidas nessa sociedade caracterizada pela racionalidade técnica e instrumental que inviabiliza outras tantas formas plausíveis e contundentes para tecê-la em múltiplas interfaces.



Em se tratando da aprendizagem, em uma perspectiva ampla, entendemos como um processo que vai, paulatinamente, sendo tecido pelas experiências de vida e formação pelas quais estabelecem os sujeitos em toda a sua existencialidade, rompendo, assim, com a ideia de uma visão inatista de aprendizagem, não se configura como herdada geneticamente, e sim, se constrói na cultura, na relação com os outros, consigo, o mundo e os acontecimentos.

Posto isso, partimos da compreensão de que “a aprendizagem consiste na aquisição, por um ser vivo, de comportamentos novos que não fazem parte do repertório do poder-fazer ou habilidades herdadas, geneticamente programadas, ou dependentes da epigênese cortical” (RICOEUR, 2007, p.73). Assim, a proposta desse texto toma como princípio, a ideia de aprendizagem narrativa, como um aprender que se dá na tessitura de histórias e narrativas de si, em diálogo com o outro, tramadas pelas experiências do ser, fazer e refletir do(a) professor(a) em múltiplos contextos formativos por onde estabelece relações.

Logo, corroboramos com a proposta da aprendizagem narrativa à luz de Goodson (2019, p.282) e que está “[...] presente na elaboração e manutenção continuada de uma narrativa de vida ou de identidade”. Gostamos muito de uma concepção palatável que esboçam Ivor Goodson e Inês Petrucci acerca da aprendizagem narrativa. Refletem os(as) autores(as) que:

A aprendizagem narrativa pode ser vista como fundamental para a compreensão de um modo diferente de produção de conhecimento. Se a escola passasse a exercer esse papel no âmbito da cultura e da política, não restaria espaço para um currículo previamente estruturado e definido sem diálogo com as histórias de vida. Uma saída possível é o favorecimento da aprendizagem narrativa, definida como o aprender a ser um ser social, aprender sobre si mesmo e sobre o mundo (Goodson; Petrucci-Rosa, 2020, p. 100).

Do mesmo modo, entendemos com Bolívar (2014, p. 720) as potencialidades que se refletem pela aprendizagem narrativa tecidas pelos sujeitos em seus contextos trilhados, de que “[...] quando uma vida é narrada, não apenas o que foi aprendido é coletado nela, mas no próprio ato da narração ocorre um aprendizado, ou seja, contar histórias é aprender em ação”. E por que trazer o conceito de aprendizagem narrativa no contexto dessa *pesquisa formação*? Que sentidos fazem refletir e vislumbrar possibilidades de conceber a aprendizagem narrativa no decurso do desenvolvimento profissional de professores(as) iniciantes.

Primeiramente, pelo fato de que como professores(as) pesquisadores(as) e narradores(as) que somos, viemos aprendendo potencialmente pelas escritas narrativas (auto)biográficas ao longo da *pesquisa formação*. Ao voltar para os cadernos/diários



tomamos um susto, e fomos percebendo a riqueza de narrativas produzidas durante o percurso do doutorado. As conversas que tivemos com as professoras iniciantes, as inúmeras reflexões que foram se produzindo, fazendo emergir nesse processo conversacional suas aprendizagens construídas e dando a ver outras tantas possibilidades de reflexão desse aprender, como algo relevante para a formação de si, em diálogo com o(a) outro(a), foram nos constituindo ao longo do tempo.

Assim, a professora Ana Patrícia narrou acerca de suas aprendizagens com a turma do 5º ano do Ensino Fundamental, ainda no começo do ano de 2020, em uma conversa que tivemos, quando a interpelamos sobre o porquê seus(suas) alunos(as) estavam agitados(as) e inquietos(as), trazendo o tema do comportamento das crianças na discussão. Tal conversa já aconteceu um ano depois (2021) via *whatsapp*, após olharmos os registros do diário de pesquisa, mas, a professora consegue se lembrar e retomar no plano da memória, uma vez que são momentos marcantes do início da carreira. A seguir, a docente partilha sobre **o aprender pela experiência em diálogo conosco**, eis que aí se torna uma implicação da *pesquisa formação*:

Então, eu estava em um processo de tentar fazê-los [os alunos] entender isso, eu chegava, aí eu lia uma história, aí eu perguntava, na hora de perguntar para estimulá-los a conversar, era mais difícil porque eles estão acostumados a ficar calados, a não pensar, a não ter opinião, a não saber, eles estavam acostumados a não saber das coisas, é tipo assim: “a professora que sabe e a gente não sabe”. Então, eu estava querendo estimular isso neles, que eles podem aprender, que eles podem ter opinião, que eles podem falar, que eles têm que pensar sobre a vida, sobre a realidade que eles vivem, sobre o futuro, a curto, médio e longo prazo, era isso que eu estava tentando, por isso que eu comecei, beeeemmm. Infelizmente, esse processo foi interrompido, mas, essa questão me atrapalhava, não é? Essa questão de eles serem indisciplinados, essa questão de eles não estarem acostumados a respeitar o espaço do outro, não estarem acostumados a esperar para ter atenção, ou naquele processo de rotina, de uma maneira diferente, uma rotina diferente que eu estava tentando fazer, **mas também eu estava querendo aprender a fazer melhor, porque minha prática é pouca**, como eu te falei, eu dava aula numa escola de reforço, depois eu fui pra escola particular, Educação Infantil, que é totalmente diferente, aí, quando eu entrei na escola pública, já foi para o Ensino Fundamental, só que eu era professora do Terço da Jornada, eu não tinha minha sala, então, era a primeira vez que eu ia pegar uma turma pra mim⁶, uma turma para eu conhecer, uma turma pra levar o ensino do começo ao fim do ano, de tudo aquilo, para construir uma relação com eles. Então essa relação estava bem no início. Justamente por isso, é que estava tendo aquelas dificuldades, mas, frente a outras dificuldades que eu já tinha vivenciado, eu estava gostando do que eu estava conseguindo progredir ali, apesar de tudo, não é? eu estava conseguindo pouco a pouco ir colocando ordem, digamos assim, e fazendo eles verem como é que eu queria que fosse, como é que eu queria que eles se comportassem, o que que eu esperava deles, e estava ali tentando construir um relacionamento, eu creio também nisso, que ali, eu ainda estava construindo um relacionamento com eles,

⁶ Nessa parte de dizer da turma para conosco, a professora deu uma ênfase e destacou, como se ainda não tivesse tido essa experiência, como de fato ela reforçou em outros momentos pelas conversas que com ela tivemos.



para eles me conhecerem, e eu conhecê-los, da gente poder desenvolver
(Narrativa da profa. Ana Patrícia, 16/março/2021. Grifos nossos).

Ao rever e reler essa narrativa da professora Ana Patrícia, retomamos as reflexões de Paulo Freire, no sentido de que a docente estava buscando praticar uma *curiosidade epistemológica* (Freire, 1996) com as crianças, como forma de fazê-las compreender não apenas os conteúdos de ensino e a educação escolar, mas o saber viver consigo e com os(as) outros(as) na sociedade. Uma reflexão crítica que pudesse superar a ingenuidade, conforme os princípios freireanos, pautada na narração das experiências de vida, educativas e pedagógicas, possibilitando, assim, construção de conhecimentos, formação e emancipação das consciências.

A ideia de uma educação dialógica ficou muito latente pela narrativa expressa pela docente Ana, tanto que deu bastante ênfase em estimular as crianças para a conversa. Bem na perspectiva freireana, refletimos que a docente parte do princípio de “[...] que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação” (Freire, 2013, p.89).

Ainda assim, conseguimos perceber a mobilização de esforços da professora em busca da melhoria de seu trabalho, e que a faz estar aprendendo pelo que pensa, faz e sabe ou não sabe, diante das incertezas da prática pedagógica. Afinal, todo início de carreira é conflituoso, difícil e ambíguo, pois, o sujeito passa a entrar em um território profissional, do qual não estava acostumado(a), jogando algumas cartas do baralho e fazendo algumas apostas e esperanças que tem como perspectiva em seus percursos.

Observamos, que ouvir as histórias formativas e narrativas da aprendizagem cotidiana de professores(as) iniciantes abre uma possibilidade outra de “revalorizar a profissão e devolver aos professores o protagonismo e o reconhecimento que merecem” (Morgado, 2011, p. 796), já que, infelizmente, o tempo do presente, se mostra com outra faceta contraditória aos princípios de valorizar as experiências e aprendizados narrativos em que tecem os(as) professores(as). Ou seja, os(as) mesmos(as) são invisibilizados(as) e destituídos(as) de saberes e conhecimentos pela visão ainda grosseiramente presente de uma perspectiva mercadológica e capitalista que habita a sociedade, e, sobretudo, a ciência hegemônica, que cria políticas que buscam, a qualquer custo, uma imposição no cotidiano das escolas, sem precedentes.

Certa vez, em um dos Seminários de Pesquisa do GEPEC (UNICAMP) do qual fazemos parte, com os(as) professores(as) orientadores(as) da Faculdade de Educação e



seus orientandos(as) do grupo, fizemos uma reflexão nessa mesma direção no diário de pesquisa:

A ciência que existe atualmente se alimenta dos cânones baseados numa epistemologia moderna que busca invisibilizar o discurso e a escrita amparando-se numa ideologia dominante, como modo operante e impositivo de protagonizar-se aniquilando outras formas de pesquisa e produção do conhecimento científico (Joelson Morais, **Narrativa: Encontro de pesquisa, 30/abril/2020**).

Contrários a essa perspectiva e como pesquisadores(as) narrativos que somos, damos primazia às pequenas histórias narrativas, aquelas que são contadas nos miúdos e pequenos momentos e acontecimentos que se revelam de formas não programadas e prenes de significado para a produção de saberes, conhecimentos e promotores de uma emancipação social.

Buscamos ampliar essa discussão com o que nos faz perceber Walter Benjamin (2012, p. 213) em *O narrador*, de que “é a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção”, porque a hegemonia do capital está aligeirando os fazeres dos sujeitos numa velocidade tão vertiginosa que os colocam numa situação de racionalizar tudo o que fazem, não deixando tempo do sensível que se implica no campo ético, estético e artístico fazê-los emergir, mediadas por grandes e potentes narrativas do cotidiano, que engendra uma outra cultura e perspectiva epistemológica e formativa na vida e experiência do sujeito. Tais aspectos percebemos pelas relações que tivemos com as professoras iniciantes participantes da pesquisa. Uma vez em que estávamos na escola com a professora Fernanda, experienciando com ela as dinâmicas do ser e fazer-se professora, e escrevemos essa reflexão no diário de pesquisa:

Na pesquisa narrativa, o pesquisador muitas vezes não está só... ele tece, por uma infinidade de acontecimentos, experiências e registros, os caminhos trilhados na tessitura *teóricaepistemológica* e metodológica dos dispositivos que se adequam ao contexto e respondam às necessidades da *pesquisaformação*. (Joelson Morais, **Narrativa: Encontro na escola municipal Lourdes Feitosa, 02/março/2020**).

Alguns questionamentos se fazem mister invocar como uma busca provocativa: Como as narrativas e histórias formativas de professores(as) iniciantes contribuem na aprendizagem profissional da docência? Quais saberes e experiências são tecidas no contexto do desenvolvimento profissional? E como a prática de narrar contribui para desencadear processos formativos, reflexivos e de transformação de si, no contexto do desenvolvimento profissional docente?



Convém elucidar alguns conceitos importantes mediatizados pelos questionamentos que expusemos anteriormente que são caros e fundamentais no contexto de uma *pesquisa formação* narrativa (auto)biográfica em educação.

Nesse sentido, compreendemos por **narrativas** a tessitura de experiências do vivido que se reflete pela materialização de uma reflexividade produzida pelo sujeito a partir de implicações que lhes afetam e efetuam marcas e sentidos outros em si, nas suas memórias. Tal concepção remete ao conceito explicitado por Bolívar, Domingo e Segovia (2001, p.24. Tradução nossa) que elucidam que “uma narrativa é um encadeamento de acontecimentos, cujo significado vem dado por seu lugar na configuração total da sequência (trama, fábula ou argumento)”. A ideia de **histórias formativas** remete a compreendê-la como um relato de experiências significativas e substanciais que trazem marcas durante o decurso da vida, experiência e formação dos(as) professores(as), aludindo ao seu caráter de transformação pelos quais passaram e são reacendidos pela memória que evocam desses percursos em uma temporalidade

Essas histórias formativas logo remetem à aproximação do conceito de *experiência formadora* tecido por Josso (2010) com uma significação pautada pelo que sabe, pensa e tece o sujeito em seus registros de si e do meio à sua volta. Ou como melhor pontua a autora:

[...] a *experiência formadora* é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: o saber-fazer e os conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros (Josso, 2010, p.36).

Quanto ao conceito de **desenvolvimento profissional docente**, entendemos como um processo de construção de saberes, experiências e conhecimentos tecidos no cotidiano da prática pedagógica e do trabalho docente, articulando-se com outras instâncias e contextos, que se relacionam com a profissão docente, produzidos ou que chegam na vida do(a) professor(a) em múltiplas interfaces e que se voltam para o cotidiano experiencial. Enfim, são variados os desafios da aprendizagem no cotidiano de professores(as) iniciantes e fundamentais para a consolidação do campo de trabalho, acompanhando todo o seu desenvolvimento profissional.

Ressaltamos a importância de alguns clássicos autores que discutem sobre desenvolvimento profissional docente, trazendo relevantes conceitos e sentidos no campo científico, entre os quais podemos destacar: António Nóvoa, Maurice Tardif, Francisco Imbernón, José Gimeno Sacristán e Carlos Marcelo Garcia. Partilhamos as reflexões deste



último, no que concerne ao conceito desse termo, que traz com bastante precisão e que vale a pena mencionar:

[...] o conceito “desenvolvimento” tem uma conotação de evolução e continuidade que nos parece superar a tradicional justaposição entre formação inicial e aperfeiçoamento dos professores. Por outro lado, o conceito de “**desenvolvimento profissional dos professores**” pressupõe [...] uma abordagem na formação de professores que valorize o seu caráter contextual, organizacional e orientação para a mudança (Marcelo Garcia, 1999, p. 137. Grifos do autor).

Assim, refletimos que os vários usos de termos relacionados aos(as) professores(as) como: formação docente, formação continuada ou formação contínua, formação em serviço, aperfeiçoamento ou outros, têm-se acoplado em um só no qual engloba todo o conjunto de processos formativos, da experiência e aprendizagem do ser, fazer e saber dos(as) professores(as), os quais são representados pelo uso do conceito de *desenvolvimento profissional docente* ou *desenvolvimento profissional de professores(as)*.

Certa vez, recebemos um *print* de uma pequena carta narrativa e de um áudio compartilhado de um outro contato *WhatsApp* contando sobre a aprendizagem com um determinado acontecimento que teve uma docente. Trata-se da professora Arikelma que, mobilizada pelo acontecimento, resolveu compartilhar conosco uma experiência sua, ampliando-a por outras reflexões narrativas. A situação aconteceu por meio de um caso de uma aluna especial que a docente tinha acabado de receber, por meio de um áudio que a diretora havia enviado no seu *WhatsApp*, seguido de uma carta da professora anterior, da Educação Infantil, já que a criança estava mudando de escola e entrando no 1º ano do Ensino Fundamental, passando por uma transição escolar.

O diálogo, a seguir, apresenta as narrativas que emergiram a partir do momento em que a diretora enviou um áudio orientando a professora e, em seguida, um *print* de uma carta narrativa denominada *Parecer* pela professora precedente e que a diretora chamou de *relatório*, apresentando os percursos trilhados pela pequenina no ano escolar, mostrando ainda suas dificuldades, o que já conseguiu desenvolver e o que precisaria melhorar, no plano da aprendizagem, entre outros aspectos como dizia esse parecer, possivelmente, para orientar e dar subsídios para a condução do(a) professor(a) que recebesse a criança nos anos escolares subsequentes.

- **Joelson Morais:** Eita amiga Arikelma. E aí, o que q você acha disso???
- **Arikelma:** Na verdade estou adorando esses desafios e a vontade só aumenta de estar presencialmente. Como te falei, novas experiências. Tudo conta como aprendizado.
- **Joelson Morais:** nossa que legal essa sua revelação, bem diferente de outras professoras que já me relataram outras experiências desse tipo. Bom saber.



- **Arikelma:** Recebi essa mensagem hoje da diretora e já estava pesquisando umas atividades diferenciadas para autista baseado no relato da professora dela do ano passado.

- **Joelson Morais:** Hum. Fiquei curioso para saber um pouco mais o que você pensa desse novo desafio, encarando essa nova experiência em sua prática pedagógica como professora iniciante, mesmo em se tratando de atividades remotas nesse período de pandemia...???? 😊 Se quiseres compartilhar algo mais, seria ótimo pra irmos conversando sobre esse tema.

- **Arikelma:** Como te falei tudo é novo pra mim tanto o 1º ano que nunca tinha lecionado e agora uma criança autista, e na verdade o que despertou em mim foi só a vontade de aprender mais, a gente pensa que sabe, mas, nunca é o suficiente sempre tem novidades nesta área 😊.

- **Joelson Morais:** ótima reflexão querida amiga Arikelma. Isso reflete a abertura a novas possibilidades, aprendizagem e formação que você vai construindo em sua profissão, além de contar com outros processos de construção de conhecimento que são fundamentais para potencializar o ser e ir constituindo-se professora diante da diversidade de situações e demandas que emergem em sua realidade. Estar na docência é isso... se aventurar, aprender, se (trans)formar constante e permanentemente. 😊👍📚📖📄📑📁👏👏👏 Parabéns pela atitude e flexibilidade como pessoa e profissional. (**Conversa com a profa. Arikelma, 13/março/2021**).

Ao ouvir o áudio e ver/ler a carta, elaboramos algumas interpelações à professora Arikelma, que diz estar disposta a novas aprendizagens. O fato de termos ficado surpresos(as), é que já tivemos experiência com docentes, em situação de pesquisa em outros anos passados, e percebemos não terem gostado de ter recebido alunos(as) especiais por se sentirem despreparadas e alegarem não ter formação para tal. Com Arikelma aconteceu diferente, lançou-se e ficou animada com essa novidade em sua profissão.

Diante da narrativa da docente Arikelma já expressa identificamos uma implicação do aprender a ser professora, qual seja: **os desafios da prática docente na educação especial**.

Esses desafios podem ser apontados por professores(as) iniciantes em vista de inúmeras perspectivas, que se dão, entre outros aspectos, relacionados: às dificuldades da prática docente; às surpresas que surgem em sua profissão; às novidades que se defronta, por um lado, e outras que surgem em decorrência do seu saber e fazer; à organização do trabalho pedagógico, dentre outros.

No que tange à docente Arikelma, ressaltou as implicações dos desafios enfrentados em sua prática pedagógica como uma *novidade* e *surpresa* ao mesmo tempo, ao receber uma criança autista que seria sua aluna, e que significou a oportunidade de aprendizagem para a docente, conforme narrou, anteriormente. E o interessante é que ela reflete, narrativamente, como é que esse processo poderá subsidiar sua didática, no futuro, a partir do presente que está acontecendo, ou seja, temporalmente.

Um relevante pensamento está articulado com a narrativa da docente Arikelma, em se tratando desses profundos desafios do aprender e ensinar, que está enfrentando na pandemia. Tal dinamismo, as novidades que emergem e as mutações do processo de escolarização requerem compreender “a existência de possibilidades educativas em muitos outros espaços de cultura, de conhecimento e de criação. A inclusão a diversidade e a cooperação são marcas centrais da metamorfose da escola” (Nóvoa, 2020, p. 9).

Com a professora Arikelma, percebemos a abertura e disponibilidade para aprender, que, mesmo se lançando nas águas das incertezas, prontificou-se a ir fazendo descobertas, como demonstrou a docente em ir pesquisando para desenvolver seu trabalho pedagógico, nesse novo contexto de ensinar uma criança especial. Para ela tudo é novo, logo a mesma entrou, no ano de 2021, em uma nova experiência também, que é ser professora no 1º ano do Ensino Fundamental, a qual ainda não tinha atuado antes em sua carreira como iniciante.

Aprendemos também com a docente, por meio dessa conversa narrativa expressa anteriormente, essa possibilidade de abertura e flexibilidade, gerando aprendizagens, das quais é crucial para potencializar o desenvolvimento profissional docente. E estar na condição de professor(a) numa escola pública, nos anos iniciais, é desbravar horizontes que vão mostrando o que sabemos, o que podemos saber e para onde mais podemos ir, fazer, saber e ser.

Diante das reflexões até então discutidas, novamente questionamos: qual a importância da aprendizagem narrativa na tessitura de uma *pesquisa formação* de abordagem (auto)biográfica? Pensamos que sua potencialidade reside no fato de que:

[...] consideramos esse tipo de aprendizagem narrativa como basilar para a maneira pela qual as pessoas aprendem ao longo da vida, e necessitamos de uma forma diferente de pesquisa e de elaboração para compreender esse tipo de aprendizagem como oposto aos modos mais tradicionais de aprendizagem formal e informal (Goodson, 2019, p.282).

Assim, tomar como princípio as implicações da aprendizagem narrativa em uma pesquisa científica dessa envergadura é dar primazia a um processo de tomada de consciência que se reflete em transformações substanciais dos processos formativos e de construção do conhecimento científico, pelos quais se materializam por meio da tessitura de uma reflexividade autobiográfica.



4 CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Diante da pesquisa realizada, compreendemos que as aprendizagens narrativas no processo de *pesquisaformação* se deram tanto com as professoras iniciantes quanto conosco pesquisadores(as), pois, construímos outros modos de pesquisar, aprender, ensinar e formar com diferentes intensidades, metodologias, didáticas e conhecimentos.

Algumas das aprendizagens narrativas que podemos frisar decorrente da realização da pesquisa, tanto conosco quanto com os sujeitos da pesquisa se deram com: o uso das ferramentas tecnológicas para pesquisar, ensinar e avaliar; no alcance de aprendizagens que as crianças pudessem ter no formato de ensino remoto; na relação família-escola durante a pandemia; no como as próprias famílias e as crianças pudessem ter acesso à internet e o celular com rede social para acompanhar os encontros e/ou aulas, tendo em vista as condições socioeconômicas de que faziam parte estes sujeitos, alguns sem escolarização para acompanhar seus(suas) filhos(as); na conexão com a internet que muitas vezes comprometiam os encontros oscilando e caindo a conectividade com a internet, e muitos outros aspectos desse caminhar.

De algumas implicações geradas nos movimentos de *pesquisaformação* com os(as) professores(as) iniciantes, chegamos a identificar durante o estudo as seguintes, que se mostram mais fortemente mediante as narrativas tecidas com elas/es e apresentadas nesse texto: o aprender pela experiência em diálogo conosco; e, os desafios da prática docente na educação especial. Entre outras.

Vale salientar que tivemos não somente conhecimentos construídos nesses movimentos formativos, e sim, nos afetamos e sentimos inúmeras sensações e sentimentos fruto do acontecimento da pandemia, gerando incertezas sobre a vida, a continuidade do processo educacional e o próprio desenvolvimento e realização da pesquisa. Aspectos esses que também foram possíveis de perceber, captar e sentir com as participantes do estudo e revelados em nossas narrativas no decurso da pesquisa.

Dos contextos trilhados nos itinerários formativos com as professoras, só foi possível refletir, interpretar e tomar consciência pelas escritas de si e conversas narrativas imersas na temporalidade e foi, nesse tempo, que se descortinaram e foram produzidas muitas histórias, das quais inúmeras não conhecíamos, outras não existiam e novas deram outros focos e delineamentos de novos percursos a seguir, escolhas a fazer e decisões a tomar.

Foi assim que fizemos e as professoras participantes do estudo aceitaram o novo desafio caminhando conosco se lançando em um outro universo do qual nem nós, nem elas



tínhamos vivido anteriormente: de conversar, tecer aprendizagens e construir conhecimentos, narrativamente, de forma remota, utilizando redes sociais e plataformas digitais, sem poder sair de casa, em um tempo no qual tudo se tornou virtual para dar continuidade à vida e à *pesquisaformação*.

Depreendemos, enfim, que, ao longo da *pesquisaformação*, é importante que o(a) pesquisador(a) vá se adequando e ressignificando os procedimentos adotados, de forma a estar em consonância com as demandas e necessidades que emergem, para que possa realizá-la, afinal de contas, podem surgir bifurcações e caminhos outros, que não existiam antes, e podem ser decisivos para o desenvolvimento e conclusão da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, p.1-8, jan/dez 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23967/16939> . Acesso em: 23/fev./23.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas I. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8.ed São Paulo: Brasiliense, 2012.

BOLÍVAR, Antonio. Las historias de vida del profesorado: voces y contextos. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, vol. 19, núm. 62, julio-septiembre, 2014, pp. 711-734. Disponível em: < <https://www.scielo.org.mx/pdf/rmie/v19n62/v19n62a4.pdf> >. Acesso em: em: 24/fev./2023.

BOLÍVAR, Antonio; DOMINGO, Jesus; FERNANDEZ, Manuel. **La investigación biográfico-narrativo en educación**: enfoque y metodología. Madri: Editorial La Muralla, S.A, 2001.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisaformação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In.: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz da; BÔAS, Lúcia Villas (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica**: diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018. p.65-81.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 19. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54.ed. rev. e atual. São Paulo: Paz e terra, 2013.



GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso**. Tradução de Sergio Faraco; com gravuras de José Guadalupe Posada. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2018.

GOODSON, Ivor F. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. tradutor: Henrique Carvalho Calado; revisão da tradução: Maria Inês Petrucci-Rosa e José Pereira de Queiroz. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

GOODSON, Ivor F.; PETRUCCI-ROSA, Maria Inês. "Oi Iv, como vai? Boa sorte na escola!": notas (auto)biográficas constitutivas da história de vida de um educador. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 13, p. 91-104, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7506/pdf> . Acesso em: 14/fev./2022.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MARCELO GARCIA, Carlos. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora: 1999.

MORAIS, Joelson de Sousa. **Fios e tramas em contextos de pesquisa formação e suas implicações na tessitura narrativa de professores/as iniciantes**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, 2022. 259f. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1237977> .Acesso em: 04 dez. 2024.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. A arte da narração nas invenções de si no contexto de uma pesquisa formação. **Revista educação e cultura contemporânea** | v. 18, n. 54, p. 182-201, 2021. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/8907/47967858>. Acesso em: 23 fev. 2023.

MORAIS, Joelson de Sousa. A potência da pesquisa narrativa com registro no cotidiano de professores(as) iniciantes: reaprendendo a ouvir-olhar-sentir-narrar. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 67, e023048, 2023, p.01-23. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/25101/19294>. Acesso em: 06 mai. 2025.

MORGADO, José Carlos. Identidade e profissionalidade docente: sentidos e (im)possibilidades. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 73, p. 793-812, out./dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/FGxQczxQYCJvQfyLdvGfTRc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2023.

NÓVOA, António. A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. **Revista Com Censo #22** • volume 7 • número 3 • agosto 2020. Disponível em: <https://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/905/551> . Acesso em: 08/fev./2023.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.



RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Tradução: Ivone C. Benedetti. 1ª.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Vol.1: a intriga e a narrativa histórica. Tradução Claudia Berliner. Revisão da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

